

Diplomacia Global

Retoma o presidente Fernando Henrique Cardoso, com a viagem de nove dias à sede da União Européia (UE), em Bruxelas, e à Alemanha, a terceira etapa de sua diplomacia presidencial: depois dos nossos parceiros do Mercosul e dos vizinhos amazônicos, em seguida às visitas aos Estados Unidos e a Portugal, chegou a hora de reavivar o diálogo com o bloco de países que formam o maior mercado para nossas exportações e, com o país (Alemanha) que, depois dos EUA, é o que mais investe no Brasil.

Como acentuou o embaixador Jório Dauster, nosso representante junto à Organização Mundial de Comércio (OMC), o Brasil "executa uma diplomacia universalista que reflete a dimensão e a complexidade do país". Ação externa que, economicamente, traduz o papel de *global trader* do Brasil, e, politicamente, a de membro proeminente do Mercosul, no qual a UE identifica um futuro parceiro na formação de uma zona de livre comércio.

Para atrair novos investimento, Fernando Henrique Cardoso mostrará os avanços da economia brasileira registrados em regime democrático consolidado. Em sua bagagem leva dois documentos importantes: um livro de 66 páginas sobre concessões de serviços públicos (transportes e energia elétrica) disponíveis para a participação do capital privado nacional e estrangeiro, e um conjunto de informações sobre o andamento das privatizações no país.

Além da intensificação do intercâmbio comercial, pretende o governo preparar o caminho para fechar até outubro o Acordo-Quadro, no qual estarão especificadas todas as áreas em que os investidores estrangeiros poderão entrar.

Por isso o presidente participará da mesa-redonda com membros do Parlamento Europeu, em Bruxelas, instituição que será a observadora do acordo de cooperação entre o Mercosul e a UE. Assinado até o final do ano, o acordo dará a partida nas negociações para uma futura zona de livre comércio entre as duas regiões, velho sonho de Jean Monnet, o idealizador da integração européia.

As dificuldades pelo caminho serão conjunturais, como, por exemplo, explicar aos europeus a política brasileira de cotas à importação de automóveis. Elas serão apresentadas com salvaguardas necessárias (e temporárias) ao Plano Real, não indicando de forma alguma retrocesso protecionista. A expectativa dos dois blocos é que haja estímulo aos investimentos europeus em projetos de infra-estrutura do Mercosul contra um maior incentivo de nossa participação no setor agrícola.

O processo do Mercosul, iniciado em 1991, vem sendo elogiado em Bruxelas pela forma pragmática como está se desenvolvendo. Experimentados no laborioso processo de integração econômica, os europeus aprenderam com o tempo a superar crises sem perder o rumo da caminhada histórica que traçaram há quase 40 anos.